

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS DESAFIADORAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19 VIVENCIADAS POR UM GESTOR ESCOLAR

Raul Ferreira de Miranda Mendes¹
Dilmar Rodrigues da Silva Júnior²
Juliana de Sousa Silva³
Renato César de Carvalho Quarto⁴
Maria Divina Ferreira Lima⁵

RESUMO

Os impactos gerados na educação e nas escolas com a Pandemia de Covid-19 tem sido objeto de estudo por pesquisadores e professores dos diferentes campos do conhecimento. Os anos 2020 e 2021 tem sofrido forte impacto por causa da crise sanitária, fazendo com que a educação ressignificasse a rotina como forma de evitar a disseminação do vírus causador da Covid-19. Com isso, foi necessário que todos os educadores, pais, alunos e a comunidade de modo geral, continuassem o processo educacional em outros formatos. A partir desta afirmação, o presente relato de experiência, surge a partir de nossa vivência como gestores escolar iniciantes na época da pandemia. E busca responder à seguinte pergunta-norteadora: quais experiências pedagógicas enquanto gestores escolar iniciantes tenho desenvolvido a partir do panorama pandêmico da Covid-19 em uma escola da rede pública? A partir do exposto, delineou-se o seguinte objetivo geral: refletir sobre os desafios pedagógicos enfrentados pelo “eu” gestor, de uma instituição de ensino na perspectiva pedagógica frente ao cenário da pandemia de Covid-19. Os resultados do relato mostram que além de desenvolver as habilidades administrativas durante o cenário da pandemia, também mantive preocupado e estabeleci um laço de solidariedade e sensibilidade pelas crianças e suas famílias, desenvolvendo projetos de apoio, mesmo à distância, entre outras ações pedagógicas. Por fim, acredito que a pandemia trouxe muitas aprendizagens, e uma delas é o reconhecimento da necessidade de nós professores, ressignificarmos as nossas práticas educativas.

Palavras-chave: Experiências Pedagógicas, Gestão Escolar, Pandemia de Covid-19.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As nuances educacionais são transitórias e vexatórias às quais emergem cenários demarcam os diferentes espaços e tempos da humanidade. Ser professor no panorama da sociedade pós-revolução industrial, remete uma questão desafiadora quando se trata do

¹ Doutorando em Educação, da Universidade Federal do Piauí- UFPI, raul-mendes@hotmail.com;

² Doutorando em Educação, da Universidade Federal do Piauí- UFPI, dilmar.jrcxs93@outlook.com;

³ Doutoranda em Educação, da Universidade Federal do Piauí- UFPI, julia.a@hotmail.com;

⁴ Doutorando em Educação, da Universidade Federal do Piauí - UFPI, renato.quarto@ifma.edu.br;

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, divina.lima2@gmail.com.

aspecto “formar filhos de ricos e pobres para atuar na sociedade”. Tal assertiva nos leva a indagar para este escrito produzido com base em nossas experiências: quais experiências pedagógicas enquanto gestores escolar iniciantes temos desenvolvido a partir do panorama pandêmico da Covid-19 em uma escola da rede pública? A partir do exposto, delineamos o seguinte objetivo geral: refletir sobre os desafios pedagógicos enfrentados pelo “eu” gestor, de uma instituição de ensino na perspectiva pedagógica frente ao cenário da pandemia de Covid-19.

Refletir sobre os conceitos, significados e sentidos da formação e das práticas educativas em tempos de pandemia de covid-19 me faz ir além da dimensão que aflora o pensamento. É, também, uma questão de sabedoria e sensibilidade com os alunos, suas famílias, a comunidade e com a própria figura do educador. Enquanto o papel da educação é formar cidadãos críticos, participativos e autônomos para alcançar a sua libertação/emancipação, educar em tempos de incerteza, seria, portanto, uma questão desafiadora, que tem angustiado todo o grupo populacional.

E, portanto, trago neste relato, além da dimensão reflexiva, posso dizer que seria uma questão de situar frente ao contexto, considerando gestor iniciante cujo plano de ação foi totalmente mudado/ressignificado em detrimento da crise sanitária, mas que, enquanto educador e pesquisador, não deixei, jamais, de reinventar frente a esses novos desafios.

Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida por pesquisadores, membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas – NUPEFORDEPE, da Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas da Docência, do Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGGEd, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Ministro Petrônio Portela, no município de Teresina, Estado do Piauí.

A CONSTITUIÇÃO NARRATIVA PEDAGÓGICA NA VIVÊNCIA DE GESTÃO ESCOLAR NA PANDEMIA DE COVID-19

Com o agravamento da Pandemia por Covid 19 no Brasil, a Secretaria Municipal de Educação de Timon (SEMED) determinou o fechamento de todas as escolas após trinta dias de aulas presenciais, no dia 17 de março de 2020. Inicialmente seria um fechamento provisório, no entanto foi até o dia 30 de agosto de 2021, as aulas voltaram na modalidade de rodízio a partir do início de setembro, funcionando da seguinte forma: metade da turma assistia aula até o horário do recreio e a outra metade assistia após o recreio. Nesse

intervalo os funcionários da limpeza passavam álcool e água sanitária em todas as cadeiras de cada uma das 13 salas de aula. Esse período proporcionou diversos desafios para todos os atores que participaram desse processo de ensino e aprendizagem, pais, alunos, professores e o corpo diretivo das escolas. É como afirmou Nóvoa (2020, p.01):

De um modo geral, ninguém estava preparado para esta situação e a avaliação que, hoje, já podemos fazer revela aspectos negativos, como as desigualdades e o empobrecimento pedagógico, mas também positivos, como a ligação com as famílias e a inventividade de muitos professores.

Os trinta dias de aulas presenciais enfrentou-se diversos desafios do cotidiano de uma gestão escolar: falta de professores para completar a lotação de todas as turmas, ar-condicionado com problema, indisciplina dos alunos, ausência da família na escola, recursos escassos, vasos sanitários entupidos nos diversos banheiros, além de ofícios e outros documentos para produzir e enviar. Diante deste contexto o presente relato tem como objetivo externar os desafios durante as aulas remotas, sua avaliação e conquistas.

Passeggi e Souza (2011) são formidáveis quando escrevem sobre a importância de um relato como este. Nesta escrita de 2011 eles citaram José Saramago para iniciar a apresentação de um dossiê sobre (Auto)Biografia e Educação: Pesquisa e Práticas de Formação:

Creio que todas as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados [...] podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional [...]. Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica, levou-me a sugerir um dia, com mais seriedade do que à primeira vista possa parecer, que todos os seres humanos deveriam deixar relatadas por escrito as suas vidas (2011, p. 327).

Saramago realça a importância de narrar sobre a própria vida, isso transforma quem narra e quem lê ou ouve. Pois, a narrativa passa por um processo de reflexão antes de chegar ao ouvinte, e quando chega nesta, promove também um processo de reflexão. Sendo assim, ninguém sai igual como entrou quando se está nesse circuito narrativo. A transformação pode gerar diversos frutos e quando se trata de educação, pode promover uma mudança social significativa através de atos de educar diferenciados.

Souza e Passeggi (2011) afirmam que a pesquisa (auto)biográfica em educação aposta na interpretação dos que constroem/vivem a história. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa demonstra um interesse peculiar por (auto)biografias de educadores e pelos processos de professores em formação. Admite que nessas narrativas se evidenciam as relações entre as ações educativas e as políticas educacionais, entre histórias individuais e história social, o ato de narrar sua história as instabilidades e incertezas se tornam experiências refletidas. E são, justamente, essas experiências de educar e formar diferenciados.

As biografias permitem contar a “história vista de baixo”, por quem estão no chão da coisa, por quem vive e sente de verdade a coisa. Peter Burke (1992) destaca a importância da história contada por quem viveu a coisa, “Vários novos historiadores estão preocupados com a ‘história vista de baixo’, em outras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social”.

Nessa perspectiva, é importante o que Halbwachs (1990) traz sobre o conceito de memória individual e coletiva, ele afirma que as duas estão ligadas e a sociedade escolhe o que vale a pena lembrar ou não lembrar. Memória coletiva é a memória dos grupos. Mas não é a soma das memórias individuais, mas sim o consenso de memórias individuais. Mais um motivo para se registrar as histórias de vida. Bragança; Abrahão e Ferreira (2016, p.14) também faz uma reflexão sobre a relação entre os dois tipos de memórias:

Cabe ainda situar, conforme reflexão de Maurice Halbwachs, que a aventura pessoal da memória embora proveniente de experiências individuais, também é resultado de mudanças produzidas pelas interações e relações estabelecidas com os grupos e espaços de sociabilidade nos quais o sujeito se insere. Essa combinação entre a "memória individual" e a "memória coletiva" define as múltiplas experiências do tempo.

Na área educacional a pesquisa (auto)biográfica vem contribuindo substancialmente para o conhecimento científico dessa área tão importante. Nóvoa (2000) justifica o surgimento desse tipo de pesquisa na necessidade de conhecimento diferente do que estava em vigor, uma verdadeira renovação nos modos do conhecimento científico. No Brasil, já nas décadas de 1980 e 1990 se pode encontrar diversos que trazem a história de vida de professores para o cenário científico, como o de Demartini (1984); Nunes (1987); Abrahão (1993); Linhares (1996), entre outros. Não se pode deixar de registrar a grande contribuição de Paulo Freire como um antecedente primordial na

direção de práticas educativas que consideram as trajetórias de vidas dos educandos, suas histórias, saberes e narrativas como referências para construção do conhecimento, em uma educação essencialmente dialógica (Bragança; Abrahão e Ferreira, 2016). Fora do Brasil, esse movimento também na década de 1980 possui representantes de peso, como Marie-Christine Josso, Pierre Dominicé, Matthias Finger, Nóvoa e Gaston Pineau.

Voltando ao relato objetivo dessa escrita, vamos falar sobre os desafios desse período, o primeiro foi capacitar os professores para ministrarem aulas de forma remota. Nas escolas, tinham professores que não sabia manipular o WhatsApp, imagina operar uma plataforma, como o *Google Classroom*. Nesse contexto, para realizar as aulas *online* foi feito um curto treinamento com os professores utilizando o *Google Meet*. Assim, tornou-se possível iniciar as aulas remotas, após quase 20 dias sem aulas.

Depois veio a questão dos alunos que não tinham acesso à internet. Esses representavam 60% do total de alunos. Então tivemos que montar um material impresso autoexplicativo que permitisse que eles estudassem em casa. Mas isso não resolveu o problema por completo, pois ainda tinha 30% dos alunos que não compareceram a escola de maneira alguma. Então contratei um carro de som para sair divulgando nas ruas dos bairros da comunidade, divulgando que a escola estava funcionando e que os alunos deveriam comparecer para pegar o material impresso. Com essa medida caiu para 20% os alunos não atendidos.

Mesmo assim tivemos que procurar outra maneira que a educação pudesse chegar a esses alunos. Então pedimos que dois funcionários da escola fossem atrás desses alunos. Colocamos combustível em suas motos e eles foram. Com isso, diminuimos para aproximadamente 7% os alunos não atendidos. Pois boa parte dos endereços contidos na ficha de matrícula estavam desatualizados ou o imóvel estava desocupado. Pois parte da nossa clientela possuem parentes no interior da cidade. É costumeiro esses alunos irem para o interior, principalmente no período pandêmico.

Assim, o ano letivo de 2020 foi concluído com mais de 1.110 alunos não atendidos, a maioria deles pertenciam ao turno noturno (Educação de Jovens e Adultos - EJA), que já possui uma evasão elevada. Esse atendimento não é importante apenas pelo fato de aquisição de conhecimento, pois o vínculo com a escola permite o desenvolvimento de características físicas, cognitivas e afetivas do indivíduo, sempre com o objetivo de tornar o aprendiz um cidadão atuante em sua sociedade. Mesmo esse vínculo sendo de modo remoto ou apenas pegando atividade impressa.

A evasão nesse período pandêmico, em relação às escolas, pode ser atribuída quase que exclusivamente a vulnerabilidade social. Cada aluno que demorou a ser atendido tinha a marca de uma família com vínculos quebrados; pais separados; privados de liberdade; com baixa instrução ou sem noção da importância da educação para a vida de seu filho. Muitos desses alunos foram resgatados mediante ameaça de bloquear o pagamento do Programa “Auxílio Emergencial”. Se não fosse esse programa, acredito que a evasão seria desoladora. Essa atitude das famílias de alunos de escola pública já é recorrente. A negligência não é só com relação à educação, mas envolve tudo.

Tivemos casos de alunos que tinham celular e internet, mas não acompanharam as aulas remotas. Os pais desses alunos afirmaram que pensavam que os filhos estavam participando. Isso pode se configurar em um crime moderno, o abandono digital, que se caracteriza pela negligência dos pais com relação à segurança dos filhos no ambiente virtual.

Já no caso do turno noite, esse fenômeno da evasão é causado pelo currículo, quase que totalmente fora do contexto dos alunos. Mesmo na aula presencial os alunos do turno noite, na sua maioria, só estão presente nos dias das avaliações. Esse momento pandêmico foi só mais um motivo para não ir à escola.

No meio de tantas dificuldades, criou-se um formulário online para que a família e os alunos pudessem narrar a sua maior dificuldade em acompanhar as aulas e como eles se sentiam em relação ao serviço fornecido pela escola. As narrativas foram importantes para compreender o novo contexto escolar, pois as narrativas, segundo Bragança, Abrahão e Ferreira (2016), sempre têm relação com o modo como o narrador interpreta e dá sentido aos fatos que narra.

Não foram só pontos negativos, também tivemos os positivos, e um deles foi a valorização do professor. É como afirma Nóvoa (1999), “É difícil imaginar um processo educativo que não conte com a mediação relacional e cognitiva dos professores”. Nessa mesma obra, Nóvoa recorre ao jogo de cartas britânico chamado “Bridge”. Onde um dos jogadores ocupa o “lugar de morto”, este é obrigado a expor as suas cartas na mesa, a partir disso, o jogo utiliza as suas cartas, mas o “morto” não pode interferir no jogo. Nóvoa afirma que o professor ocupa o lugar de morto no processo de ensino-aprendizagem.

Espera-se que, a valorização da profissão professor pós-pandemia, permita um lugar privilegiado dos docentes em relação aos alunos e familiares. Isso também pode desencadear uma valorização por parte dos governantes para que aumente os

investimentos na formação continuada e aquisição de insumos tecnológicos que busque melhorar o desenvolvimento do processo educacional no Brasil.

Outro ponto positivo foi que ficou evidente a necessidade de mais investimento na área de educação, principalmente em tecnologias e formação continuada para os professores. Muitos tiveram que se adaptar a essa nova realidade sem ao menos um apoio de uma formação e materiais necessários a execução das atividades docentes. Quem não tinha um computador, teve que comprar, se o celular não era bom, teve que comprar um novo. Tudo isso com recursos próprios.

Diante desse contexto, conseguimos conquistar sete medalhas na Olimpíada Brasileira de Astronomia, sendo uma de ouro. Esse feito ocorreu pela primeira vez na história das escolas. Nunca havíamos conquistado uma única medalha. Isso foi recebido com muita satisfação e orgulho pelas equipes diretivas e pelas comunidades escolares. Para isso, ministrou-se uma formação continuada voltadas para olimpíadas nacionais para os professores de Ciências, de Português e Matemática para ministrarem um reforço para preparar os alunos para as diversas olimpíadas do país. Esse reforço também foi ministrado através do *What's app* e *Google Meet*.

Outro fator importante foi a avaliação do processo, como avaliar “aluno *online*”, “aluno *offline*” e os não atendidos. Para os primeiros, fez-se simulados *online* bimestrais utilizando a ferramenta *Google Forms*. Isso permitiu termos um termômetro das aulas *onlines*. No entanto, tivemos que ficar atentos a alguns acontecimentos, como: pais fazendo a avaliação pelos filhos; outros utilizando a pesquisa na internet, comunicação entre alunos. Então para minimizar tudo isso, disponibilizamos o simulado por tempo determinado, apenas 3 minutos para cada questão. Após esse tempo o simulado era bloqueado. Para os “alunos *offline*” a avaliação foi feita apenas através do material impresso respondido em casa. Os professores avaliaram a escrita, organização, coesão e evolução nas respostas.

Tivemos muitos alunos com problemas de saúde mental, como depressão, os pais relataram que a perda do vínculo com a escola e o isolamento pode ter proporcionado esse fenômeno. Diante desse contexto, o corpo diretivo das escolas sempre procurou atender cada um de seus alunos e tentar promover o melhor processo de ensino e aprendizagem possível. Os alunos especiais, 135 ao todo, foram todos atendidos de acordo com sua necessidade. Podemos afirmar que apesar da distância promovemos uma boa aprendizagem. A avaliação foi realizada de forma qualitativa e quantitativa, como

estabelece a Lei de Diretrizes e Base da Educação de 1996. Para os alunos especiais e os que pegaram material impresso foram avaliados exclusivamente de forma qualitativa.

A qualidade do nosso trabalho também foi averiguada pela prova SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica). Voltamos no dia 30 de agosto de 2021 e fizemos a avaliação SAEB, as escolas foram bem avaliadas. Foi uma grande conquista para todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma análise geral do processo escolar durante a pandemia da Covid-19, ficou visível a exclusão de boa parte dos alunos nesse processo. Muitos afirmaram ser devido a esse novo contexto. Mas se for feito uma análise mais detalhada pode se concluir que esse momento não trouxe muita coisa nova. Apenas evidenciou para toda a sociedade, como a educação é feita neste país. A internet chegou ao Brasil na década de 1990, já se passaram 30 anos e ainda temos a maioria das escolas sem internet de qualidade para alunos e professores. A escola ainda está no século XX e os alunos estão no século XXI.

O foco aqui não é desmerecer as aulas remotas, apenas estamos discutindo como a educação brasileira continua sendo excludente em diferentes contextos, ocorrendo mesmo no modo presencial. Desta forma inibe as múltiplas inteligências, como se todo aluno construísse o conhecimento no mesmo formato. Cada aluno é um mundo diferente, que deve ser levado em consideração, e não apenas ser considerado como um número de chamada no diário de classe.

Um importante ator nesse processo, pouco citado, o professor também passa neste ciclo de exclusão. Quantos professores são anteriores à internet? Quantos não tinham, se quer, um *smartphone*? Sem nenhum treinamento e sem nenhuma consulta lhe empurraram o modo de como seriam as aulas nesse momento pandêmico. A adaptação teve que ser praticamente instantânea, isso custou horas de preparação para ministrar essas aulas, ou seja, os professores dormiram analógicos e acordaram digitais.

Ficou nítido o descaso dos governantes para uma educação de qualidade para todos. Não se ofereceu nada além do óbvio. Todo o processo foi feito praticamente pelos professores, sozinhos, como sempre. Deve-se considerar que a exclusão também é proveniente devido ao baixo nível de escolaridade dos familiares. Muitos não entendem a importância do processo educativo de seus filhos. Esses têm dificuldades em perceber que a escola pode ser um trampolim para a mudança da própria realidade. Pois mesmo a

escola oferecendo material impresso para os alunos sem acesso à internet, muitos não foram atrás. Além disso, a quantidade de alunos abandonados à própria sorte configura um despreparo e falta de comprometimento das famílias brasileiras com a educação de seus filhos.

Desta forma, o processo educativo teve a necessidade de se reinventar nesse processo pandêmico, em que o processo ensino e aprendizagem vai além do cumprimento da carga horária, currículo, materiais enviados de forma remota ou retirados nas escolas, mas que seja centrada na construção de um educando que valorize as diversidades, as pluralidades, que contemple os conhecimentos para o mundo do trabalho e para a vida, mas que não seja discriminatório e ne excludente aos alunos.

Diante disso, o gestor titular deve cuidar bem da sua saúde mental, pois todos os desafios e dificuldades passa por esse ator da educação, que tem papel fundamental no sucesso ou fracasso do processo de ensino e aprendizagem. Olhando para o que já passou e analisando os resultados até 2021 e comparando com os resultados até 2019, as escolas se mostraram bastante avançadas, não só em dados numéricos, mas qualitativamente também, pois o retorno da comunidade é muito positivo. Porém, a caminhada não foi fácil. Acreditamos que o maior sucesso é devido, principalmente, ao cuidado com a saúde mental dos colaboradores das escolas, incluindo os professores e professoras. A empatia se fez presente em todos os momentos de dificuldade e de decisões difíceis. Isso fez a diferença, pois as equipes se mostraram unidas e fortes, quando um peso é carregado por várias mãos, se torna leve. Assim, se pode resumir o nosso sucesso durante o momento pandêmico, a empatia de cada um por cada membro das equipes, como se fosse apenas um só. Não adianta querer levar o barco e fazer tudo sozinho, sejam os gestores ou os professores e professoras, o problema compartilhado fica simples de resolver.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Ser trabalhador: identidade de alunos e professores?** Educação. Porto Alegre, ano XVI, n° 25, 1993, p.121-134.

BRAGANÇA, I. F. de S.; ABRAHÃO, M. H. M. B.; FERREIRA, M. S. (org). **Perspectivas Epistêmico-metodológicas de Pesquisa (auto)biográfica.** Curitiba CRV, 2016.

BURKE, Peter (org.). A Escrita da História. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1992.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias de professores da 1ª república em São Paulo.** Cadernos CERU, v.19, p.197-205, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LINHARES, Célia F. S. **A invenção da Escola Pública**: o legado das vozes e das letras na formação dos professores. Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Niterói, 1996.

NUNES, Clarice. **A reconstrução da memória: um ensaio sobre as condições sociais da produção do educador**. Cadernos de Pesquisa, n.61, p.72-80, 1987.

SOUZA, E. C. de; PASSEGGI, M. da C. **Apresentação**. Educação em Revista, v. 27, n. 1, p. 327 – 332, abr. 2011.

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, A. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto, PT: Porto, 2000.

NÓVOA, António. **A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação**. Entrevista concedida a Revista Com Censo. volume 7 • número 3, 2020.